ciedade Martins Sarmento
GUIMARÃES

Jornal defensor dos interesses de Guimarães e o de maior tiragem e expa[illegible]

Notícias de Guimarães

Ano 19.º N.º 942
GUIMARÃES, 19 de Fevereiro - 1950
Red. e Adm., R. da Rainha, 68-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visada pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Comarca e Tribunal

IV

Não estou arrependido de me ter lançado nesta tarefa.

Acedendo a instâncias de amigos e obedecendo, acima de tudo, a imperativo de consciência, vim perante o público, por intermédio deste jornal sempre aberto à defesa de quanto seja em proveito da Terra, manifestar a minha opinião sobre tema de alto interesse local.

Íntima, profunda convicção me dizia que os meus conterrâneos não estavam completamente abúlicos, nem tão abatidos e humilhados, pelos asares suportados, que os paralisasse lamentável complexo de inferioridade.

Dos mais diversos lados, de pessoas de todas as condições sociais e de todas as crenças políticas, tenho recebido aplausos e incentivo.

Agrada-me, sem dúvida, o aplauso, e seria fingir de imodesto afirmar o contrário; agrada-me, porém, muito mais, incomparàvelmente mais, sentir o despertar de qualidades e de energias que, com amargurada, mas fundada razão, poderiam considerar-se, se não desaparecidas, em estado de letargia.

E este promissor acordar é o mais aliciante incentivo.

* * *

Os meus conterrâneos me desculparão se lhes disser que, por vezes, mais vezes de que as precisas para o facto se lamentar, ficam indiferentes ao que, por directamente lhes respeitar e aos interesses e progresso da Terra, lhes deveria merecer cuidadosa e vigilante atenção, — e que estremecem e indignam-se e revoltam-se, em incontidas e calorosas manifestações, por virtude de acontecimentos sem importância que reputam de menos prestigiosos.

Quando porventura se juntam, à volta da mesma ideia ou no combate à mesma extorsão ou ao mesmo imerecido desfavor, o entusiasmo é fugaz; mal extintos os acordes do hino, aqueles que há pouco o cantavam, de braço dado e voz clara e forte, regressam aos seus compartimentos estanques, para levar, egoìstamente, a vida de cada um, esquecidos de Solidariedade e Cooperação, que deveriam ser constantes, duradouras, permanentes.

A união para defender ou exaltar ou engrandecer o que é de todos, o que é comum, o que é da Nossa Terra, não implica, em qualquer circunstância, abdicação de fé política ou religiosa.

Nisto estou inteiramente de acordo com o ilustre colaborador deste jornal, *M*, quando pugna pela União Vimaranense no que respeita aos assuntos que visam o progresso de Guimarães.

Tenho em mim profundamente arreigada a convicção de que foi em hora boa que o caso do Tribunal da Comarca veio à luz da publicidade.

Confio em que não tardará presencearmos um admirável movimento de bairrismo que leve até aos Poderes Públicos, de forma eloquente, baseada em indesmentíveis e convincentes argumentos, a exposição das nossas mais caras pretensões.

Reputo absolutamente útil e indispensável, dar a conhecer ao Governo da Nação que, no concernente aos mais instantes problemas da vida local, os vimaranenses estão unidos, que nada os divide no legítimo e sagrado desejo de ver realizadas ambições que são, afinal, necessidades de inadiável satisfação.

Um pouco mais de esforço, senhores — **e tudo Por Guimarães!**

* * *

E' tempo de começar a cumprir a promessa feita no último artigo desta série.

De há muito que no meu espírito germinava a ideia de discorrer em público sobre um assunto, de grandíssimo interesse local, cuja resolução se impõe, analisado por qualquer dos prismas a ter em consideração, e que pode consubstanciar-se assim:

Guimarães deve ser dotada com uma vara do Tribunal do Trabalho e uma delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

Veio agora a oportunidade.

Embora pareça, à primeira vista, que este assunto nada tem a ver com o, até agora tratado, da instalação, em edifício próprio, dos serviços judiciais e conexos, a verdade é que, longe de impertinente, tem perfeito cabimento neste arrazoado, conforme se demonstrará.

Não desconheço, nem esqueço, o que sobre a matéria se encontra legislado, mas parece-me, e procurarei evidenciá-lo, que, apesar das disposições relativas às sedes dos Tribunais e das delegações do Instituto do Trabalho, não é impossível, muito pelo contrário, a existência neste concelho daqueles dois organismos.

Quanto à premente necessidade deles, será justificada expecialmente com a apresentação de números — números que, tenho a certeza, vão impressionar muitos leitores, mais ainda do que os relacionados a propósito do movimento judiciário comarcão.

(Continua).

J. P. R.

A Pierino Gamba

Na Itália, altar da Arte esplendorosa,
surgiste, um belo dia de encantar...
O loiro sol da glória, a rutilar,
iluminou-te a fronte portentosa.

Segue-te a adoração da turba ansiosa,
ansiosa de te ver, de te exaltar
— e aqui me tens, também, a consagrar
do teu génio a centelha misteriosa...

Trago-te versos em lugar de flores.
Se não lhe encontras graça nem beleza,
menino singular, dos meus amores,

Perdoa a singeleza deste canto...
Como castigo baste-me a tristeza
de dar tão pouco a quem merece tanto!

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

Guimarães e o seu Concelho

Merecem alguns elementos que respigamos das últimas estatísticas oficiais, concernentes a este Concelho, alguns momentos de atenção, se deles fizermos uma análise comparativa com iguais cifras e elementos da mesma natureza de outras municipalidades, de outras divisões administrativas afins.

Possui o Concelho de Guimarães (seguindo os dados mais actualizados do Instituto Nacional de Estatística, no seu VIII Recenseamento Populacional) 15.440 prédios, o número mais elevado em todo o distrito.

Barcelos e Braga, circunscrições administrativas, densamente populosas, ficam àquem desse número, pois estão calculados em 14.942 e 13.712, respectivamente, o total dos seus prédios.

De igual modo, é Guimarães o Concelho com o maior número global de fogos.

De cerca de 81.000 pessoas que residem permanentemente neste Concelho (conforme o censo de 1940) só 26.000 — n.os redondos — sabiam ler e escrever.

Se descontarmos, se abatermos à população global concelhia 16.150 menores de 7 anos de idade de ambos os sexos, teremos a escassa percentagem de pouco mais de 40 % dos que sabem ler.

Em matéria de instrução, o distrito de Braga apresenta uma percentagem de analfabetos, infelizmenie, bastante elevada, em confronto com os outros distritos.

Bastará dizer que em todo o distrito bracarense só 170 000 pessoas sabiam ler, número aliás demasiado exíguo para uma região de tão alta densidade populacional.

A taxa de analfabetismo para o distrito era de 54 2. Contudo, a criação de inúmeras escolas, o recrutamento de muitos agentes de ensino devem ter feito baixar sensìvelmente a taxa, a percentagem citada de 1940.

Apesar de tudo, Guimarães ocupa ainda referência no capítulo da instrução, pois é o segundo concelho com maior número de pessoas que sabem ler.

Concluimos, alfim, ser este o Concelho com maior densidade populacional, com mais elevado número de prédios e fogos e ainda com maior número de freguesias rurais do distrito.

Guimarães, vetusta e excelsa urbe, primeira Capital do Reino, é um *Lugar Sagrado* da Pátria!

Aqui, em 996 se construiu a Torre Central ou de Menagem do simbólico e altaneiro Castelo; aqui, em 1111, como quere Herculano, nasceu o primeiro Rei; nos seus subúrbios se desenrolou em 1128 a Batalha de S. Mamede — marco decisivo nos nossos destinos históricos —, data luminosa em que Portugal passou a ser governado exclusivamente por gente portuguesa, desenhando-se, então, como diz o Mestre Damião Peres, «com toda a precisão de contornos, a figura excelsa da Pátria»!

Aqui se realizaram, por diversas vezes, as Côrtes, sendo discutidos os problemas de administração, ditando-se leis,

Aguas municipais

Tem chovido alguma coisa, mas isso não significa dizer que estamos garantidos de águas alimentares e de limpeza para o verão que vem.

A Câmara Municipal, pela actividade do seu Presidente, tem trabalhado afanosamente para que tenhamos água suficiente pelo menos no mês de Junho.

A dificuldade consiste, por agora, apenas na vinda das máquinas, de origem americana, que se encontram presas aos problemas de origem diplomática e económica de Portugal com a América.

De resto, quem tiver interesse em saber quanto a obra municipal progride, basta que saia os arredores da cidade e veja, aí por Azurém e Fermentões, com que actividade se desenvolvem os serviços dedicados ao maior dos problemas da cidade e concelho de Guimarães.

Honra seja ao senhor Presidente da Câmara — se os políticos da situação actual lhe permitirem realizar tão importante melhoramento...

FARPAS

Numa feira que passou
Muita gente protestou
E houve grossa contenda...
Pois os nossos regatões
De batatas 'spertalhões,
Não as puseram à venda.

Parece que advinharam
Ou que, de noite, sonharam
Que iam ser fiscalizados...
E, sem ninguém os ouvir,
Tocaram a reunir
Nos locais já bem marcados.

Creio até que um maioral
Neste meio batatal
Armando-se em orador,
Tossiu e especturou
E assim principiou
A discursar com calor:

— Colegas: Venho dizer
Que amanhã pode apar'cer
Uma fiscalização...
Por isso está combinado:
Não se vendem no mercado
Batatas. Haja união.

Que fique aqui resolvido
Ser, desde já, proibido
Vender batata à tabela.
Se há alguma é despachar...
E o povo que a procurar
Que deite a língua à panela.

Esta atitude e maneiras
De regatões, regateiras,
Fez irritar muita gente.
Pois nem caras nem baratas...
E se alguém comprou batatas
Eram todas de semente!

'Stou a ver que «desta feita»
Já na próxima colheita
A batata vai dar guerra...
Visto que o povo comeu
A semente que Deus deu
Para ser lançada à terra!

. . . . . .

Quem, leitor, assim se atreve
A fazer quase uma greve,
Ou anda muito iludido
E não tem medo à lei,
Ou não sabe, como eu sei,
O perigo em que está metido!

Não vê que pode embarcar
Num «Jeep» e ter de prestar
Contas a quem de direito?!
Não lhes desejo pancada...
Mas uma palmatoada
Neste caso, era bem feito!

Darmos.

CONSELHO MUNICIPAL

Sob a presidência do Sr. Presidente da Câmara, secretariado pelos Conselheiros Municipais Srs. Capitão José Maria de Magalhães e Couto e Mário de Sousa Meneses, reunin, na passada terça-feira, o Conselho Municipal a fim de apreciar o Relatório da gerência Municipal respeitante ao ano findo.

Antes da ordem do dia, o Conselheiro Sr. Mário Meneses tratou de um assunto referente à Escola Industrial e Comercial desta cidade e ocupou-se também da sensível redução das receitas da Santa Casa da Misericórdia, sobretudo das que provêm de papéis de crédito estrangeiros, assim como da desvalorização da libra, razão por que se deveria pedir ao Estado que fosse elevado o subsídio anual de cooperação económica.

Quer o Conselho, quer o Sr. Presidente da Câmara dispensaram aos dois assuntos em referência o seu melhor acolhimento, falando ainda sobre o último o Conselheiro Sr. José de Oliveira Pinto.

Em seguida, foi devidamente apreciado o Relatório Municipal, que foi aprovado por unanimidade e, finalmente, o Conselheiro Sr. Mário Meneses propôs que fosse exarado na Acta um voto de louvor à Câmara Municipal pelo interesse e pela dedicação com que tem encarado o problema da Assistência.

Esta propposta foi, igualmente, aprovada por unanimidade.

ÁGUAS PASSADAS...

Lisboa convulsionada

No Hotel Francfort estávamos um grupo de vimaranenses. Um deles, o J. A. G., era a primeira vez que ia à capital do Reino.

Uma noite, noite alta, sentiu-se um rumor estranho. Tão estranho, que os móveis dos nossos aposentos deram sinal.

Fenómeno císmico! Visíveis sinais de Tremor de Terra, que logo fez aproximar quase todo o grupo dos vimaranses, hospedados no Hotel, com cara de caso.

Eu dei-me a aparentar serenidade. E enquanto uns, completando a *toillette*, vieram para a rua ou ficaram no átrio, eu resolvi estender-me na cama, aparentando serenidade.

O resto da noite, foi passado à vela. O terremoto de 1755 era uma recordação tétrica.

Como, porém, o subsolo não voltou a estremecer, desvanecia se a nuvem densa e terrificante da tragédia.

Este fenómeno das entranhas do Orbe, teve na véspera um acontecimento à superfície. Foi o caso de haver rebentado uma bomba (cloreto?) muito próximo do Hotel. E para esta bomba não passar despercebida, tivera em outro ponto da cidade uma segunda edição.

Foi perante os dois fenómenos — um de natureza terrenal e outro de natureza revolucionária — que se fez no ânimo do meu amigo e conterrâneo J. A. G. a decisão relâmpago de regressar à sua aldeia.

Com efeito, para quem ia pela primeira vez a Lisboa, era muito!

Bem lhe diziam que ficasse, pois as... *trovoadas* haviam passado. Ao que não quis aceder, logo fazendo as malas para o regresso.

— *Fica-te Lisboa!...*

* * *

Se esta efeméride tivesse de ser acompanhada de gravura, nenhuma ficaria tão ajustada ao caso, como aquela que reproduzisse a junção do grupo dos vimaranenses, num quarto de Hotel, de ares tétricos, envergando duas camisas de dormir, fraldonas, como hábitos talares.

Carnaval

Serpentina:
Redemoinhar
Ondulante
De concertina
A cantar.

Mascarilha:
Presa à cara
Quanta vez
E' ilusão
Sobre escara.

Fantasia:
Trajo de sedalina
Rosa de cetim.
Colombina
Arlequim.

Confetti:
Molhinhos
De cores diversas;
Lágrimas
De papelinhos.

No baile da vida
Um beijo valsando
Uma saudade chorando.
E afinal, tudo:
Entrudo.

Aurora Jardim.

O pijama ainda não havia, para nós provincianos, anunciado o seu advento.

Passou se isto há um quarto de século, na Capital.

Quinta das Aves
Delães

A. L. de Carvalho.

Reacção e protesto

O demasiado agravamento do preço do café à chávena e ao copo foi recebido com uma onda de reacção e de protesto nas localidades onde esse facto se verificou.

O povo, já cansado de suportar tantos abusos, alguns dos quais deveriam ser punidos como autênticos crimes de especulação, entendeu reagir e protestar contra a ganância de certos proprietários de cafés, que, aproveitando-se da liberdade de fixarem o respectivo preço, entenderam haver chegado a oportunidade de estenderem os tentáculos da ambição de lucros exagerados. Porém, desta vez, o *gado saiu-lhes mosqueiro*, porque, segundo o que se tem passado em algumas partes, os Cafés têm estado às moscas e essa situação tem obrigado os mesmos a moderar o seu egoismo e, portanto, a fazer *marcha atrás*, embora não estivessem habituados a uma manobra desta natureza. Mais espertos e mais prudentes têm sido aqueles que procuram manter-se uma aconselhada espectativa, como sucedeu em Guimarães, onde ainda não foi aprovado o preço em referência.

A atitude de uns é comparada à de outros, apenas poderá significar que a exploração desse ramo de negócio não foi tão afectada como aparentemente o têm pretendido justificar aqueles que apareceram a *vociferar* clamores angustiosos e a *verter lágrimas* de *Crocodilo* perante o aumento da respectiva matéria prima. Todavia, se o preço desta porventura tivesse baixado, com certeza não seriam beneficiados os apreciadores dessa estimulante bebida. Além disso, o proprietário de um café não tem os seus lucros limitados à venda deste artigo, pois que os mesmos incidem também noutros fornecimentos, como na venda de diferentes bebidas, a maior parte das quais dá margem a *ganhos* muito compensadores.

De resto, se a exploração de um café não compensasse o emprego de grandes capitais nessa Empresa, não haveria ninguém que se aventurasse a colocar nas mesmas milhares de contos.

Com isto, não queremos apoucar a iniciativa de quem assim procede e antes louvamos os empreendedores de tais Empresas, mas sòmente desejamos rebater, na presente oportunidade, os argumentos daqueles que a título de pretenderem justificar o seu *chorudo aumento*, têm feito afirmações tão desanimadoras quanto à sua situação económica que, se fossem tomadas a sério, só se poderia concluir que o aumento do qual lançaram mão os viria salvar do caos de uma possível falência provocada pelos benefícios que desejavam prestar à sua clientela!... Se assim fosse, esses *infelizes benfeitores* teriam perdido a noção da sua própria actividade profissional e, então, poderiam em tal caso, tornar-se dignos da consideração da sensibilidade humana, que, de certo, não deixaria de compreender a sua *excepcional generosidade*. Mas não sucede assim, porque a generosidade deles — pelo menos da maior parte — não consiste noutra coisa se não em cada um se arranjar o melhor que puder, o que, aliás, não constitiu um crime desde que não substituam a honrosa e digna qualidade de honestidade pela torpe e infame especulação, muitas vezes acompanhada da vilamia da falsificação. E posto neste pé o recente problema do aumento do preço do café à chávena e ao copo, torna-se necessário que a reacção e o protesto iniciador continuem a manter-se contra todo e qualquer abuso praticado nesse sentido, de modo a evitar anormalidades que não se justificam, sobretudo quando estas sejam criadas pelo paladar de cada um, mediante a faculdade da venda livre.

Por outro lado, não será esse o processo de dispensar ao próprio Governo da Nação uma colaboração leal e sincera em face das medidas que vão sendo tomadas para se conseguir o regresso a um nível de vida mais normal e menos aflitivo. O contrário, pois, será remar contra a maré e quando esta é contrária ao rumo que se deseja tomar, mal vai a quem tiver de estar parado enquanto ela não se tornar favorável!...

S. M.

formulando-se directrizes para o Bem Comum.

São Ilustres Filhos desta Terra S. Dâmaso, alto Lumiar da Igreja, que ascendeu à tiara pontifícia, à Cadeira de Pedro em 336 e que foi Chefe Espiritual do Orbe Católico até 384, confiando a S. Ierónimo a tradução da Bíblia *(Vulgata)*, o grande historiógrafo Alberto Sampaio, o consciencioso autor dos *Estudos Históricos e Económicos e das Vilas do Norte de Portugal*, o sábio Martins Sarmento, paciente arqueólogo que ao estudo das povoações castrejas de Briteiros e Sabroso dedicou o melhor do seu esforço; é ainda de Guimarães, pois nascera na freguesia de Mascotelos, o monógrafo João Soares Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, são ilustres Filhos desta Terra o paciente investigador João de Meira e o histologista insigne, o Mestre abalizado, o consciente crítico de Arte e grande Artista Abel Salazar!

Parafraseando o Poeta, poderíamos dizer então: «Ditosa Cidade, que tais Filhos teve!...»

Passa, em 1953, o 1.º Centenário da elevação de Guimarães à categoria de cidade. Já vimos algures a sugestão para que essa data se comemore condignamente.

A exemplo da Edilidade da Princesa do Lima, da linda Viana do Castelo, que comemorou com luzimento a data do seu 1.º Centenário, deveria a Câmara Municipal desta cidade delinear um programa à altura dessa data histórica nos Anais desta Urbe.

E igualmente em 1953, a 29 de Dezembro, passa o primeiro Centenário do grande monógrafo vimaranense, o Abade de Tagilde, que justo seria recordar em sessão pública.

Estamos em crer que os nossos alvitres merecerão do público ledor, mas em especial da população vimaranense —sempre e sempre bairrista— o melhor acolhimento.

S. Torcato, 13-2-950.

Prof. Joaquim Martins Lima.

COMEMORAÇÃO
DAS BODAS DE OURO
da FUNDAÇÃO
da Associação de Classe dos Empregados do C. de Guimarães

A Secção de Guimarães, do "Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Braga„, desejando comemorar a fundação da sua extinta Associação de Classe, observada pela reunião realizada pelos seus fundadores, em 11 de Fevereiro de 1900, deliberou levar a efeito — como já foi comunicado pela Imprensa — condignos festejos, que interessam não só à classe, mas também à cidade em que floresceu e pôde progredir.

E, assim, dando cumprimento às determinações directivas, foi elaborado um programa que marca os elevados propósitos de exalçar uma colectividade que sempre primou pela defesa das prerogativas dos seus associados, e, ainda, pelo carinho posto nos grandes problemas citadinos e concelhios da nossa Terra.

Não basta recordar o esforço dos fundadores ou a dedicação revelada por muitos dos caixeiros que, felizmente, constituem legião da massa trabalhadora de Guimarães... E' preciso saber-se que, o actual Sindicato continua a manter intactas as velhas tradições da extinta Associação de Classe, que veio substituir, e, dentro das exigências hodiernas, procurou melhorar as condições morais e materiais dos seus sindicalizados, já pelos métodos de assistência de que usa, já pela cultura que procura insuflar-lhes nos moldes da actual educação.

O programa subdivide-se em 3 ciclos, a saber:

1.º Ciclo

Dia 11 de Fevereiro: — As comemorações festivas iniciaram-se com as habituais demonstrações destes acontecimentos, assim como a inauguração da sua secção desportiva, com Campeonatos de *Ping-Pong, Bilhar* e *outros jogos*.

Dia 18 de Fevereiro: — A's 22 horas, grande "Baile Masqué„ com a comparticipação do "Aloma Club„.

Dia 26 de Fevereiro: — Almoço de Confraternização dos antigos e actuais organizadores da "Marcha Milaneza„, no Restaurante Jordão.

2.º Ciclo

Dia 11 de Março: — A's 22 horas, em comemoração da eleição dos primeiros Corpos Gerentes da Associação, "Sessão Solene„, com a presença dos sócios fundadores, Srs. António da Assunção Pires, Camilo Larangeiro dos Reis, João Inácio da Cunha Guimarães Júnior e José Salgado, assim como as representações das entidades oficiais.

Dia 12 de Março: — A's 11 horas, missa de sufrágio pela alma dos sócios falecidos e às 13 horas, Almoço de Confraternização entre velhos e novos Caixeiros, no Restaurante Jordão.

3.º Ciclo

Dia a designar: — (Encerramento das comemorações). Grande *Sarau Artístico*, no Teatro Jordão.

Um Aniversário

A Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense criada em Guimarães no ano de 1870, comemorou há dias o aniversário da sua fundação, por forma simples e de acordo com o que, a tal respeito, dispõem os estatutos.

Oitenta anos de vida associativa numa terra onde quase tudo o que nasce morre ràpidamente, é alguma coisa de importante, que se nos apresenta como digna da nossa admiração com o desejo bem sincero de que continue a viver e a progredir por muitos anos.

A traça da antiga politiquice andou durante longo tempo no seio da velha e simpática agremiação, no intuito de buscar adeptos para a sua causa. Alguma coisa alcançou por vezes, mas, felizmente, o que não conseguiu foi derrubá-la, nem sequer diminuir-lhe o prestígio que criara, mercê da sincera dedicação que lhe votavam e ainda votam os seus fundadores e continuadores.

Coisas há fadadas para não cairem, sustentando-se inabalàvelmente firmes no seu posto e criando tão fundas raizes que não haverá ninguém que as abata ou modifique. E esta, a Associação Artística Vimaranense, assim se tem mantido e manterá, se, como cremos, os seus sócios continuarem a prestar-lhe o benefício da sua dedicação.

No tempo em que o socorro mútuo ainda mal tinha lugar no espírito associativo timidamente posto em movimento entre operários ou gente humilde, é de admirar que uma associação se criasse com tal intuito e que fosse capaz de se conservar erecta até nossos dias. A não ser que acreditemos (e nós inclinamo-nos para isso) que em tempos idos a nossa terra tinha mais vida e que os seus habitantes eram dotados de melhores intenções para a prática do bem, de que os actuais.

Sob o ponto de vista associativo, principalmente, temos de crer que havia mais coesão e por isso melhor preparo para a realização de empreendimentos de mais largo alcance social. Existia fecunda iniciativa particular, desejo ardente de caminhar, mesmo à custa de grandes sacrifícios, e, mais que isso, a vaidade (coisa abominável mas às vezes necessária) de produzir fosse o que fosse, de modo que a nossa terra se impuzesse como um aglomerado que queria deveras progredir.

A iniciativa particular, em nossos dias, tem-se amortecido, e o que existe deve-se, em grande parte, ao favor do Estado. Tudo esperamos dele, e não devia ser assim. Ao egoismo feroz, que aí campeia livremente, devemos a cessação quase cerrada da iniciativa particular. A solidariedade é uma mentira. Já ninguém acredita na sua existência. Foram-se as nobres acções, aquelas boas acções que, justamente, elevavam muitos homens às culminâncias da reputação social.

Intrigas de vária espécie teceram-se para comprometer a agremiação que entre nós quase instituiu o sistema mutualista, que modernamente tem progredido muito em outras terras do país. Mas a verdade é que em vão forcejaram alguns por aniquilar a veneranda colectividade, que se propôs ser útil àqueles dos seus associados que carecem do seu auxílio.

Tinha de ser. Estava escrito que triunfaria. E ela aí está, forte e bem intencionada, festejando o seu octogésimo aniversário como se ainda se vestisse da garridice própria duma juventude florida e prometedora.

Conhecemos bem de perto a vida da associação a que fazemos referência.

Criada por gente humilde, — a mais crente no triunfo das suas ideias pela sinceridade com que, em regra, trabalha para a sua efectivação, — ela tem feito uma caminhada penosa, na ânsia irreprimível de pôr em prática o programa que elaborou e que está traçado nos estatutos por que se rege.

Mal sabem muitos a simpatia de de que ela é digna pelos fins a que se destina e pelo esforço que, desde há muito, vem dispendendo no sentido de ver realizada a sua aspiração. E' como que um reduto onde devem acolher-se, cheios de esperança num auxílio relativamente valioso, quantos só podem contar, para viver, com o produto resultante do múnus que exercem.

De lamentar é que não tenha podido ir tão longe, como seria mister, na arrecadação de receitas que assegurassem a completa realização da sua lei fundamental. Teria, assim, debelado carinhosa e bonradamente inúmeros males e poupado a sociedade à contemplação enervante de muitos quadros de miséria.

Lá, sim, realizar-se-ia uma obra grandiosa e bem humana. Pois é, na verdade, grandioso e humano o desenvolvimento duma agremiação que possa vir a prestar aos seus sócios o auxílio de que eles careçam no momento em que a força física já lhes não permite angariar o indispensável para a sua existência.

Vibra em nós, arrebatadoramente, um sentimento de profunda veneração pela colectividade que agora festejou o seu aniversário, certos como estamos de que ela continuará a viver e a progredir, se a não afastarem do caminho que os seus fundadores lhe traçaram.

Este pendor irresistível da nossa maneira de ver, marca bem a afectuosidade que queremos para sempre conservar pela Associação Artística Vimaranense.

E, por tal motivo, é nosso desejo que este aniversário se repita por muitos anos — a fim de que se cumpra, totalmente, o programa estabelecido por quem teve a dita de fundar tão auspicio grémio.

R.

BAILE INFANTIL

Na terça-feira e na forma dos demais anos, realiza-se, no amplo salão do Restaurante Jordão, um baile infantil, com dezenas de prémios a conferir às crianças fantasiadas.

Um milagre!

Depois de oito meses de leito, devido a encontrar-se paralítica, foi alvo de um milagre a Sr.ª D. Luisa Leopoldina Maia Guimarães, esposa do Sr. Francisco Gonçalves Guimarães, da casa de Vila-Aurora, em Covas, Polvoreira-Guimarães.

Quando todos que a rodeavam, julgavam ver chegado o fim da sua existência, eis que se levanta, caminhando naturalmente, evocando contínuos louvores a Nossa Senhora de Fátima, pela graça concedida, a todos deixando estupefactos de admiração!

O milagre deu-se pelas 15 horas do dia 10 do mês corrente.

A miraculada tem recebido inúmeras felicitações, às quais muito gostosamente nos associamos também.

ALEX.

A Festa do Aniversário
da Associação Artística Vimaranense

A simpática e modelar Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense comemorou no domingo último, com uma brilhante sessão solene que foi precedida de uma missa, rezada no templo de S. Pedro por alma dos sócios falecidos, o 80.º aniversário da sua fundação.

A' sessão solene presidiu o Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa, Presidente da Câmara, que se fez ladear pelos Srs. Dr. José Maria de Moura Machado, representante do Reitor do Liceu de Guimarães; Escultor António de Azevedo, Director da Escola Industrial e Comercial; António J. Pereira Rodrigues, Presidente do Asilo de Santa Estefânia; Alferes Diamantino Morgado, Comandante da G. N. R.; João Roberto Sepúlveda, Delegado do Director Escolar; Henrique Gomes, representante dos B. Voluntários; Amadeu Guimarães, Presidente do Sindicato N. dos Caixeiros; Belmiro dos Santos Martins, Presidente do Sindicato N. da Ind. Têxtil, etc., etc.

O salão estava repleto de pessoas.

Depois de o presidente sub.º Sr. João Xavier de Carvalho justificando a falta, por motivos de força maior, do presidente Sr. Luís Filipe Coelho, proferir o discurso de abertura e pedir ao Presidente da sessão para conceder a palavra ao orador oficial, Sr. Mário de Sousa Meneses, o qual foi recebido com uma demorada salva de palmas e muito apreciado no decorrer de alguns minutos.

O distinto orador depois de apresentar as suas saudações e de agradecer o acolhimento que lhe fôra dispensado naquela Casa, que tem para si gratas recordações, bordou importantes e oportunas considerações relativas à formação do carácter.

O carácter — disse — é a energia constante da vontade e, portanto, uma força íntima que deriva da pessoa e que a todos inspira uma plena confiança. E' pois uma força de vontade colocada acima de todas as paixões e que, orientando-se apenas pela verdade e pela justiça, se alimenta de sinceridade e de lealdade.

Depois de fazer breves mas judiciosas afirmações, dirigiu-se às crianças que ali estavam para receber os prémios da sua aplicação ao estudo, ministrando-lhes uma breve lição, no decorrer da qual as incitou à prática dos melhores ensinamentos, para que possam ser consideradas pela sociedade, dignificando-se a si próprias.

O trabalho do Prof. Sr. Mário de Sousa Meneses foi deveras admirável e só lamentamos que o espaço de que dispomos não nos permita fazer-lhe a merecida referência.

No final da sua dissertação o orador foi muito aplaudido e abraçado pelos presentes.

Seguiu-se a distribuição dos prémios a dezenas de alunos das escolas e colégios e bem assim de um bodo às viúvas, após o que o Sr. Presidente da Câmara encerrou a sessão num breve discurso.

Sapatos com piso de borracha

O SAPATO de S. João da Madeira.
que lhe oferece todo o conforto
UM SAPATO DE CATEGORIA.
Sapataria LUSO
GUIMARÃES

Pequenas Notas

Contam os combatentes que vieram de França, na guerra de 1914 a 1918 que muitos franceses e ingleses, enfim, toda aquela estrangeirada desconhecia a existência de Portugal, e principalmente os ingleses julgavam e não se sabe se ainda julgam serem os portugueses descendentes dos pretos, em virtude do nosso tipo fugir um pouco para o escuro. Pouco ou talvez nada aproveitamos do sacrifício que fizemos em ir para a guerra, até mesmo sobre o ponto de vista de propaganda, pois lá para os «Estados Unidos da América do Norte», onde se faz tudo e tudo se sabe, a ignorância de Portugal parece ser lá coisa corrente, a avaliar pelo que de lá nos manda dizer um compatriota nosso que pede ao *Jornal do Comércio* lhe mande fotografias do nosso País a fim de ele lá combater com elas a ignorância dos ilustres americanos.

O *Jornal do Comércio* fará o que entender, mas se nós tivessemos algum préstimo, monetário e etc., mandavamos ao nosso compatriota, mapas e histórias de Portugal. Ou então mandavamos a carta do nosso patrício ao Secretariado de Propaganda.

*

Mas olhem que por cá também se passam coisas bem tristes, pois ali em Coimbra, em Coimbra, meus senhores, há empregados no jornal da terra que julgam que o «Pevidém», pertence ao concelho de Fafe. Não queremos de forma alguma tornar responsável o Director do jornal pela ignorância do empregado que faz os endereços dos jornais, mas há que lastimar que em Portugal haja gente tão descuidada.

*

Repararam no artigo do nosso jornal sobre Canto Coral do Sr. A. Ribeiro de Castro onde ele diz que o Canto Coral se deve praticar em todos os sectores da vida social? O' meu amigo!...

*

Certamente também não ligaram importância àquela carta que o Sr. «Comandante da Polícia do Porto» dirigiu aos seus conterrâneos? Pois gostamos muito daquilo, e sem querer ofender ou magoar ninguém, se os portuenses não acodem ao apelo que Sua Ex.ª lhes faz, muito, mas mesmo muito mal se colocam. Aquilo não é uma carta é uma humílima cheia de grandeza e humanidade.

Quando Sua Ex.ª tomou posse do «Comando da Polícia do Porto», disse-nos no seu discurso que a missão da polícia junto do povo se deve caracterizar mais em educar do que em castigar. E quem escreve cartas como aquelas e diz coisas como estas é Alguém.

*

Nós, os vimaranenses, também temos gente muito grande na assistência aos desprotegidos da sorte. A «Casa dos Pobres»; o «Asilo de Santa Estefânia»; a «Oficina de S. José»; a «Santa Casa da Misericórdia», onde os seus dirigentes e prorectores praticam actos e fazem coisas que não ficam a dever nada a ninguém no capítulo da fitantropia.

Os nomes dos dirigentes e protectores destas Casas de Beneficência e de outras que a nossa Terra tem, acho que deviam figurar em cartazes colados em todas as esquinas das ruas da cidade afim de atrair mais gente para estes grémios de bem-fazer.

*

Acabo de ouvir dizer pela radiodifusão que se reclama para as mulheres os direitos dos homens. Achamos bem, muitíssimo bem. Todo o homem que afasta a sua esposa e os seus filhos da sua actividade profissional, sujeita-os a morrerem de fome após a sua morte ou a entregar os seus destinos nas mãos do acaso, que nem sempre nos depara gente honesta. Um pouco bicudo o problema? Nem tanto como parece, é a opinião do vosso amigo

Trocas.

Comprar os sapatos na Sapataria LUSO é sem dúvida a sua melhor garantia.

AGRADECIMENTO

José Júlio Jordão, encontrando-se já completamente restabelecido da doença que o acometeu, vem por esta forma e dada a impossibilidade de o fazer pessoalmente a cada uma das pessoas que procuraram intersssar-se pelo seu estado, quer durante o seu internamento numa casa de saúde do Porto, onde foi submeter-se a uma intervenção cirúrgica, quer após o regresso a casa de seus pais, nesta cidade, manifestar-lhes a sua indelével gratidão por tamanhas provas de amizade recebidas.

Guimarães, 15 de Fevereiro de 1950.

José Júlio Jordão. 114

Poalhas...

Cheguei a Luanda no dia 15 de Outubro, e só em 16, desembarcamos. O desembarque da malta fez-se em dongos, pangaios, em grandes lanchões de ferro, rebocados pelo «CALHORDAS», um barco de gasolina ou a vapor, pertencente à Senhora Carolina, e, que, tanto ele, como ela, se confundiam pela retundidade e pelos anos de existência.

O transporte para terra foi feito às costas dos pretos...

As imprecações, as injúrias, os insultos, choviam sobre os pobres negros, pois os soldados, não habituados àquela arte de cavalgar, tolhiam os movimentos das desgraçadas «bestas», com receio de serem cuspidos no lodo.

Não há memória de semelhante esquadrão!

Para os meus olhos, virgens de tal espectáculo, o quadro tinha tanto de trágico como de cómico.

O «cavalo» que me tocou em sorte, um negro alto como uma torre, e que dava pelo *suavíssimo nome* de CHICALABITO, cumpriu a sua missão com a elegância e garbo de um «puro sangue».

Posto em terra, apresentei-me no Quartel General que me destinou ao Corpo de Polícia de Luanda.

Que sorte a minha! Polícia! Eu, que sempre tinha lamentado o árduo serviço dos meigos e pacíficos «Temies» da minha terra, feito seu colega, em terras de A'frica!

Fui para a 1.ª Esquadra, e de pinguelim, pistola à cinta e a estafada fita verde-rubro no braço, percorri as escaldantes ruas de Luanda, rodeada de calcinantes morros, onde as ervasitas raquíticas e meladas, morriam por falta de água.

Saturado daquela vida, tão diferente da que eu *sonhara*, consegui ser encorporado nas forças que seguiam para o Sul, socorrer Naulila, já atacada pelos alemães, e onde o heróico e valoroso Oficial do nosso Exército CUNHA ARAGÃO, se tinha coberto de glória.

Embarquei no «SALVADOR CORREIA», em 27 de Novembro, dia em que completava 18 anos.

. . . . . .

Depois de alguns dias de uma marcha penosíssima através do sertão, mortificados pela fome e pela sede, descalços, rotos pelos espinhos do mato que, juntamente com o uniforme nos dilacerava a carne, chegamos ao local onde se batalhava ainda, encontrando amontoados os mortos e os feridos. Era um quadro impossível de descrever-se, que jamais se apagará da minha memória, visto ter sido a primeira vez que combati e que recebi o meu baptismo de fogo.

Aqui, e acolá, bocados de carne ainda fumegantes, mais adiante, um braço, uma cabeça, as entranhas... Alguns cavalos encontravam-se ainda junto dos seus cavaleiros, irmanados no sofrimento, na Morte...

A atmosfera estava saturada de um cheiro adocicado de carne, que causava náuseas e provocava vertigens. Os lamentos dos feridos, os seus gritos, os seus apelos, cortavam a alma, despedaçavam o peito. E, tantos eram, que não era possível atende-los ao mesmo tempo.

Entre estes, encontrava-se um rapazito imberbe, 1.º Cabo de Cavalaria, que estava já em luta com a Morte. Do seu corpo mutilado, disforme, esfacelado, apenas uns olhos azuis, meigos como os de uma Virgem de Rubens, pareciam ter vida...

Ao aproximar-me dele, disse-me:

— Não me fuja; têm vindo buscar todos os feridos... Só a mim me abandonaram... Eu, sei, que a Morte está à minha espreita; não me importo morrer, mas... tenho medo de estar só quando ela chegar...

E, sabe? queria confessar-me.

— Mas aqui, meu rapaz, não há Padres, eu não o sou e, mesmo tu, ainda te salvas. Mas, mesmo que venhas a morrer sem Sacramentos, Deus te abençoará, tomará em conta a vontade do cumprimento dos teus deveres, e, mais ainda, o lembrar-te d'ELE, na hora do passamento.

— Pois, sim, sim. V. tem razão, mas...

— Olha, queres, tu, beijar o Crucifixo que sempre trago comigo?

— Sim quero. E que Deus o abençoe pelo bem espiritual que me proporciona.

— *Pois, bem. Toma-o, é teu.*

— Não, eu não o quero. Apenas desejo beijá-lo e te-lo no meu peito, enquanto este pouco de vida, prestes a extinguir-se, me ilumina a inteligência. V. chego-mo aos lábios, que eu creio já não ter braços para lhe pegar... Sabe? Quero pedir-lhe um favor. Tenho, em Braga, os meus velhotes e a minha noiva. E mais para ela, do que para eles, vai o meu pensamento neste instante. A minha Ana Maria, é boa, como boas e puras foram as Santas de seu nome... Iamos casar, quando a guerra estalou... Sofre-se muito, sabe? E, ela, coitadinha, quando souber da minha morte... Mas, depressa, que já sinto a Morte. Quando V. for a Portugal, se esta maldita guerra o poupar, diga-lhe que o meu último pensamento foi para ela. Que se não «ca...» e expirou.

O seu último olhar, era uma súplica...

Alferes Leite da Cunha.

Atenção à 4.ª página

FUTEBOL

VITÓRIA-1
S. BRAGA-1

Apontamento...

Estivemos domingo no campo da Ponte, em Braga, e ao lermos no dia seguinte as críticas citadinas do encontro, constatamos que os seus autores se encontravam de mau humor ao redigi-las. Efeitos, conclui-mos, de estarem de antemão a contar como certo o triunfo do seu grupo favorito.

Só assim, francamente, se pode compreender o que quase na generalidade se escreveu. Que se lamentasse e apresentasse como atenuante para o insucesso da sua aspiração o facto de o Sporting de Braga ter perdido o concurso de um elemento nos primeiros minutos da partida e não mais poder contar com ele, justificava-se plenamente. Mas apoucar, por notório despeito, a actuação do antagonista, que foi excelente, e imputar-lhe culpas que ao seu favorito couberam em bem maior quinhão, não se nos afigura justo nem correcto.

Nestas coisas, a paixão é um grande mal!

E já que aqui deixamos este apontamento, queremos aproveitar a oportunidade para louvarmos o comportamento da equipe do Vitória neste encontro, porque ela correspondeu galhardamente à confiança que nela depositamos e que aqui ficou expressa no último número.

Contra os preságios de alguns — daqueles que só ajudam quando não é preciso — a sua actuação no campo da Ponte não desmereceu das tradições do Clube. Fez uma primeira parte magnífica; depois do intervalo suportou bem o rompante do adversário, e brilhou após a marcação do tento deste. Que jogou a satisfazer, prova-o o facto do guarda-redes do Sporting ser considerado, por um dos críticos de Braga, o melhor homem no terreno. Isto diz muito.

Costa, deu neste jogo provas inequívocas da sua coragem e do amor à camisola que defende. Ferido, por deslealdade de um adversário, na fronte, e sangrando abundantemente, nem assim queria abandonar o seu posto. Obrigado a ir receber socorros, quando pôde voltou ao terreno, e se bem que no seu semblante fosse visível o sofrimento, continuou a lutar sem renúncia nem hesitação. Valente rapaz!

Os Júniores do Vitória também foram a Braga empatar com os do Sporting, a duas bolas.

Registe-se o notável comportamento dos «miudos» alvi-negros em campo alheio.

G.

A Voz das Freguesias

AZURÉM

E O SEU CAMINHO DE VERDELHO

Através do Inquérito vindo a público neste jornal, mercê de uma iniciativa levada a cabo pelo *Notícias de Guimarães* e quase no seu termo, constata-se que uma das principais necessidades das freguesias do nosso concelho é a construção ou reparação de caminhos.

Por tal motivo, as deligências das entidades administrativas de cada paróquia incidem, especialmente, no sentido de serem debeladas ou, pelo menos, atenuadas faltas dessa natureza.

A freguesia de Azurém, uma das que circundam a cidade tendo paroquianos dentro da área citadina, nem por isso é mais feliz que as congéneres, como no seu depoimento se focou sobre a situação dos seus caminhos.

Rememorando o caso, tem-se como certo contar a freguesia sòmente com os caminhos do Ribeirinho e do Verdelho para as comunicações entre o seu centro e os mais populosos lugares do seu agregado: Cano de Cima, Arcela e Rua de S. Torcato.

O primeiro, popularmente conhecido pelo caminho dos defuntos por ser o mais utilizado na condução de féretros para o Cemitério, está completamente intransitável, carecendo de imediato alargamento e calcetamento, enfim, um arranjo substancial.

O segundo, agora vedado ao público por deliberação exclusiva de particulares, que lhe colocaram uma cancela sem assentimento de quem de direito, é a ligação directa entre Azurém e freguesias de além e a Costa e parte nascente.

A circunstância de a vedação ser obra arbitràriamente pessoal de um ou mais indivíduos, num contraste absoluto com o direito público do caminho, particularidade que a própria carta da cidade vinca realçadamente, deixou a convicção de que, mais tarde ou mais cedo, essa arbitrariedade seria neutralizada. E a construção das Escolas no lugar da Pègada, um pouco acima de uma das saídas do caminho em referência, que sendo directo entre Verdelho e o caminho Igreja-Madre-Deus, tem uma ramificação em Azurém de Cima, só para peões, mais arreigou essa convicção.

E' que esse caminho, com um arranjo, que se impõe neste, como em outros, é a ligação ideal entre a parte mais populosa da freguesia e as Escolas agora edificadas, para ser trilhada pelas crianças que as vão frequentar, protegidas do sol no calor e sempre defendidas do trânsito de automóveis, as quais sairiam pertíssimo do edifício escolar.

Pois não parece suceder assim. A decisão de privar esse caminho ao trânsito público, que a ele tem direito como se afirma e a Junta confirma e a carta da cidade regista, essa decisão como dizíamos, persiste a julgar por uma nota da sessão da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, onde foi apreciado um requerimento subscrito por diversas pessoas, no sentido de ser transferido o portal da viela do Verdelho para a margem da estrada, o que mereceu aprovação.

E' compreensível a concordância da Mesa pela valorização que, sem dispêndio, resultaria para a propriedade da Misericórdia, como também é muito respeitável a conveniência dos peticionários.

Todavia, há que ter em conta o direito público que, neste caso, tem prioridade sobre os propósitos particulares de defesa, intentados pelos signatários do requerimento.

Mas deixemos a solução do assunto a quem de direito. O problema está posto e, por certo, não deixará de ser resolvido conforme as normas da boa justiça.

KinG.

Cortejos de Oferendas *em Cerzedelo*

Promovidos pelo ilustrado Reitor da Freguesia de Cerzedelo e nosso bom amigo Sr. P.e Joaquim Ferreira da Silva, realizam-se hoje e no próximo domingo na mesma populosa freguesia dois Cortejos de Oferendas a favor das obras da construção do Salão Paroquial, onde estão a exercer-se os actos de culto, desde 1945, e por motivo do restauro da Igreja Monumento Nacional.

De esperar é que sejam coroados de bom êxito os esforços do dinâmico e entusiasta Reitor de Cerzedelo.

Não disforme os pés dos seus Filhos!

A Sapataria LUSO garante-lhe a comodidade precisa.

DESPEDIDA

José Luís Gonzaga Martins Leite, tendo retirado para o Rio de Janeiro e dada a impossibilidade de despedir-se de todas as pessoas amigas às quais deseja manifestar ainda o seu reconhecimento por todas as atenções que lhe tenham dispensado, vem por esta forma cumprir tal dever e a todos desejar as maiores prosperidades.

Guimarães, 10 de Fevereiro de 1950.

José Luís Gonzaga Martins Leite. 117

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 15, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Alberto de Sousa; no dia 19, a sr.ª D. Ana Maria Pereira Mendes Cunha, esposa do nosso prezado amigo sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha; no dia 20, a sr.ª D. Maria Joaquina Ribeiro, da Casa do Paço-Balazar; no dia 21, o nosso prezado amigo sr. Padre José Ferreira Leite; no dia 22, a interessante menina Maria Tereza, filhinha estremecida do nosso bom amigo sr. José de Freitas e de sua esposa e os nossos prezados amigos srs. José da Silva Martinho, das Caldas das Taipas; Manuel da Costa, digno Chefe da Secção de Finanças de Felgueiras e Sebastião de Freitas; no dia 23, a menina Maria Cândida Laje Baptista, filhinha do nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira e de sua esposa; Mademoiselles *Ana Cândida da Cunha Machado, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado e as sr.as D. Palmira Martins Ferreira Fernandes, esposa do nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes e D. Maria da Conceição Silva Carvalho, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; no dia 24, as sr.as D. Rosalina de Jesus Ribeiro Monteiro esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares Portilha, D. Maria Ribeiro Antunes. esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Coelho, de Torres Novas, a menina Maria da Conceição Teixeira Alves Pinto, filha do nosso bom amigo sr. Joaquim Alves Pinto e os nossos prezados amigos srs. Gualdino Pereira e João André; no dia 25, a sr.ª D. Cacilda Pereira dos Santos, esposa do nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins e a sr.ª D. Maria Isabel Mendes Belo da Silva Carneiro esposa do nosso querido amigo e distinto Magistrado sr. Dr. António Augusto da Silva Carneiro e os nossos queridos amigos srs. Gaspar Ferreira Paúl, dignissimo Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e José Mendes Ribeiro Júnior, distinto Comandante da L. P.; no dia 26, a sr.ª D. Aurora de Freitas Saraiva e* Mademoiselle *Maria Fernanda Glória Pereira; no dia 27, o nosso prezado colaborador sr. Manuel Merrelho (Merry).*

Notícias de Guimarães *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

Pedido de casamento

Pelo sr. José Gonçalves Sampaio, industrial e sua esposa a sr.ª D. Helena Dias Gonçalves, foi pedida em casamento para seu filho o industrial sr. António Gonçalves Peixoto, a menina Ludovina Emília de Jesus Teixeira Mendes Esteves, filha da sr.ª D. Julieta Teixeira Mendes Esteves e do sr. Tomás Pereira Lopes Esteves, devendo realizar-se em breve o enlace.

Aos noivos desejamos desde já as maiores venturas.

Baptizado

Na igreja paroquial de Caldelas (Caldas das Taipas) baptizou-se no domingo o primogénito do nosso amigo sr. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro e de sua Esposa, que recebeu o nome de Mário Manuel. Foram padrinhos o avô paterno sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro e a avó materna, a sr.ª D. Maria Adelaide Saraiva Remísio Pereira Lopes.

Partidas e chegadas

De passagem e vindo do Rio de Janeiro com destino à França, deve chegar hoje a Lisboa o nosso prezado amigo e antigo comerciante local sr. Luís Alijó de Lima.

— Vimos nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Coronel António dos Quadros Flores, Dr. Gaspar Gomes Alves, Constantino Lira, Joaquim da Silva Leite, Avelino Gomes da Costa, Professor Eurico Tomaz de Lima e Domingos Martins Guimarães e a sr.ª D. Maria das Dores Basto.

— Por motivo do falecimento de uma sua tia também esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Luís de Pina, ilustre Professor da Universidade do Porto.

— Com sua esposa tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. Dr. Mariano Felgueiras.

Doentes

Tem passado bastante incomodada a esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto José Ribeiro, conceituado industrial de alfaiataria.

— Vão-se acentuando as melhoras dos nossos bons amigos srs. Lino Teixeira de Carvalho, residente em Lisboa; João Ribeiro Dias Júnior e João Carlos Abreu.

— Tem passado doente a sr.ª D. Maria de Belém Pacheco.

— Encontra-se internada na Ordem do Carmo, no Porto, onde foi submetida a uma melindrosa operação, a dedicada esposa do nosso prezado amigo e distinto professor do Liceu sr. Dr. Joaquim de Oliveira Torres.

Dssejamos a todos os doentes o mais breve e completo restabelecimento.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria de Belém Pina

Com a provecta idade de 90 anos e na sua residência, à Rua de Paio Galvão, faleceu, na quarta-feira à tarde, confortada com os sacramentos da Santa Madre Igreja, a veneranda senhora D. Maria de Belém Pina, irmã das senhoras D. Ana de Jesus e D. Maria José de Pina e do nosso querido amigo Sr. Prof. José de Pina, Presidente da Junta de Turismo da Penha e Comandante Honorário dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, tia dos Srs. Prof. Dr. Luís de Pina, Dr. Manuel da Silva Leal, António Luís de Bastos Pina e José Barreira e das senhoras D. Eugénia Pina da Silva, D. Laura de Pina Leal e D. Maria José de Pina Barreira e prima do Prof. Sr. Luís Filipe Coelho.

Senhora dotada de acrisoladas virtudes, deixa mergulhada, em profunda saudade, toda a família, que muito a estremecia.

O seu funeral efectuou-se ante-ontem, às 10 horas, da residência acima para o Cemitério de Atouguia, em cuja capela foram rezados os responsos e missa do corpo presente.

No préstito fúnebre incorporaram-se muitas dezenas de automóveis, que conduziam pessoas das relações da família dorida, tendo-nos sido possível tomar nota das seguintes representações:

Direcção e piquete dos Bombeiros Voluntários, Junta de Turismo, Mesa da Irmandade da Penha e Comissão de Melhoramentos; Reitor e Professores do Liceu de Martins Sarmento, Direcção do Internato Municipal, Direcções da S. M. S. e do Grémio do Comércio, Mesas da Santa Casa da Misericórdia e da Ordem de S. Domingos, Direcção da Casa dos Pobres, Direcção e Internados das Oficinas de S. José, Alunas do Colégio de N. S.ª da Conceição, etc., assim como muitas pessoas de todas as camadas sociais: professores, médicos, advogados, oficiais do Exército e da Armada, sacerdotes, funcionários públicos, comerciantes, industriais, proprietários, etc.

O cadáver, que se achava encerrado em luxuosa urna de mógno, foi conduzida num *Jeep* dos Bombeiros Voluntários.

No Cemitério organizaram-se dois turnos, constituidos pelas alunas do Colégio de N. S.ª da Conceição e por pessoas de família da extinta, tendo sido a chave do caixão entregue ao Sr. Prof. Dr. Luís de Pina, sobrinho da extinta senhora.

Notícias de Guimarães fez-se representar no funeral pelo seu Director, que também representou, por honrosa incumbência, a Direcção do Sindicato N. dos Caixeiros e os Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, Dr. Mário Dias de Castro, António Alberto Pimenta Machado e J. Gualberto de Freitas, desta cidade; Dr. Nuno Simões e Professor Abel Cardoso, de Lisboa e Poeta Delfim de Guimarães, de V. N. Gaia.

A toda a família dorida apresentamos as nossas bem sentidas condolências.

D. Ermelinda Angélica de Almeida

Contando 86 anos de idade e na residência de sua filha, senhora D. Maria de Oliveira Almeida Gonçalves, à Rua Dr. José Sampaio, finou-se, na quinta-feira à tarde, após prolongados sofrimentos que soube suportar com a maior resignação, a veneranda senhora D. Ermelinda Angélica de Almeida, viúva do saudoso vimaranense Sr. Eduardo M. de Almeida; mãe dos nossos queridos amigos e distintos colaboradores Srs. Dr. Eduardo de Almeida, talentoso advogado e Jerónimo António de Almeida; sogra do nosso prezado amigo Sr. Dr. António Jesus Gonçalves, distinto professor do Liceu Nacional de Guimarães e das senhoras D. Angélica Pizarro de Almeida e D. Margarida Fernande de Almeida; avó da Sr.ª Dr.ª Angélica Pizarro de Almeida e dos nossos prezados amigos Srs. Eduardo Pizarro de Almeida e Dr. Fernando Pizarro de Almeida, advogado nesta cidade, e irmã da Sr.ª D. Delfina de Freitas.

A saudosa senhora, possuidora de uma esmerada educação e de acrisoladas virtudes, era muito respeitada e estimada no meio vimaranense, sendo a sua morte muito sentida.

O seu funeral realizou-se ontem de manhã, do templo da Misericórdia para o Cemitério de Atouguia, onde o cadáver ficou inhumado em jazigo de família.

Aos actos fúnebres, que constituiram significativa manifestação de pesar, assistiram numerosas pessoas desta cidade e de fora: médicos, advogados, oficiais do Exército e da Armada, professores, sacerdotes, funcionários públicos, comerciantes, proprietários, industriais, muitas senhoras; Academia Vimaranense, Presidente da Câmara, Provedor da Misericórdia, Reitor do Liceu Nacional, Direcções da S. M. S. e do Grémio do Comércio, Presidente do Grémio da Lavoura, etc., etc. e instituições beneficentes.

A missa do corpo presente foi rezada pelo Rev. Gaspar Nunes, acolitado pelo Rev. Luís Gonzago da Fonseca. Fechou o caixão o parente da finada Sr. Dr. João António de Almeida.

Organizaram-se dois turnos, constituidos por educandas do Asilo de Santa Estefânia, o primeiro, e por parentes da extinta, o último.

Sobre a urna, que encerrava os restas mortais da extinta e que ficou depositada em jazigo de família, foram depostos ramos de flores com sentidas dedicatórias.

No préstito incorporaram-se muitas dezenas de automóveis.

O nosso jornal fez-se representar pelo seu Director, que também representou, nas homenagens fúnebres, os Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, J. Gualberto de Freitas, nosso camarada; Dr. Nuno Simões e Prof. Abel Cardoso, de Lisboa e Delfim de Guimarães, de V. N. de Gaia.

Também estavam representados o Sr. António José Pereira de Lima por seu filho Sr. António de Sousa Lima e o Sr. Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses (Paço Nespereira) por seu filho o Sr. Pedro Cardoso do Amaral de Meneses.

A toda a família dorida e dum modo muito especial aos nossos ilustres colaboradores Srs. Dr. Eduardo de Almeida e Jerónimo de Almeida, apresentamos a expressão do nosso muito pesar.

Missa de aniversário

No dia 23 às 9,30 horas será resada no templo da Misericórdia uma missa por alma da Senhora D. Maria Garcia Costa, saudosa mãe do distinto professor liceal Sr. Dr. Manuel Ferreira da Costa, em comemoração de mais um aniversário do seu passamento.

De luto

Pelo falecimento de uma sua irmã guarda luto o nosso prezado amigo e importante industrial da Cuca, Sr. João Pereira de Magalhães, a quem apresentamos condolências.

— Pelo falecimento de sua mãe também guarda luto o nosso prezado amigo e importante industrial do Bairro (Riba d'Ave), Sr. Carlos da Silva Pereira.

Diversas Notícias

Encerramento dos talhos

Por motivo das festas do Carnaval estarão abertos amanhã os talhos do Mercado Municipal, passando o descanço dos mesmos estabelecimentos para quarta-feira próxima.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha.

Vida Católica

A Festa a S. Judas Tadeu — Decorreu com grande imponência e teve a assistência de numerosos fiéis que enchiam por completo o espaçoso templo dos Santos Passos, a festa realizada no passado domingo em honra de S. Judas Tadeu, cuja formosa Imagem ali ficou, desde então, à veneração dos crentes.

Veio presidir ao acto soleníssimo o Rev.mo Vigário Geral da Arquidiocese, tendo feito o panegyrico do Santo o Rev. Dr. Sebastião da Cruz que satisfez plenamente.

O templo ostentava uma luxuosa decoração e via-se profusamente iluminado.

Vende-se 2 portas e 2 montras em estado de novas, devidamente envidraçadas.

Falar na Rua de Camões, 87. 90

Casa com garage e quintal

Pretende-se, por aluguer, casa de construção moderna e confortável, dentro da cidade, para habitação.

Nesta Redacção prestam-se esclarecimentos. 20

V. Ex.ª

necessita de um bem construido **FOGÃO**?

Adquira-o na Rua Dr. Avelino Germano, 67 — (À FEIRA DO PÃO). 95

TEARES, vendem-se

Vendem-se dois teares lisos, reconstruidos, com a largura de pente de 100 centímetros, tipo Butterworthsidickinson, não possuindo alvará.

Prestam-se esclarecimentos na nossa redacção. 8

A sua personalidade impõe-lhe comprar um par de sapatos de categoria.

Dirija-se à

Sapataria Luso

CARNAVAL de 1950

Teatro Jordão

APRESENTA

A célebre «**ORQUESTRA PORTUGUESA**» de **Sousa Júnior**, que actuará nos três dias de Carnaval neste Teatro.

Canções por **Julieta Rodrigues.**

- HOJE, às 15 e 21 horas -

O Professor de Música

(em tecnicolor)

Danny Caye e *Virginia Mayo.*

Segunda-feira, 20 — às 21 horas

Gary Grant - *Ann Sheridan*

em

Fizeram-me passar por mulher

Terça-feira, 21 — às 21 horas

BUCHA E ESTICA

em

CAMPEÕES DO RISO

Neste programa:

JORNAL UNIVERSAL.

Quinta-feira, 23 — às 21 horas

Yvonne De Carlo - *Dan Duryea*

em

Bandido apaixonado

A graça e a beleza de Yvonne De Carlo num grandioso filme colorido.

Neste programa:

JORNAL FOX.

BREVEMENTE: **ELA AÍ ESTÁ!**

AGRADECIMENTO

Apesar de todos os esforços no sentido de agradecer pessoalmente a todas as pessos que se interessaram pela minha saúde durante o grave período de doença que passei, venho por este meio agradecer as provas de estima e amisade que recebi, e apresentar a todos, os meus respeitosos cumprimentos e um MUITO OBRIGADO, desejando-lhes muitas felicidades.

Neste humilde e sincero agradecimento, não podia nem devia deixar de especialmente me referir ao Ex.mo Sr. Dr. Carlos Saraiva, distinto clínico, o esforço e a dedicação que me tratou com a sua indubitável competência e as suas raras qualidades de médico, e dum modo especial a afabilidade e carinho que me dispensou.

Aceite, pois, Sua Ex.ª a minha perdurável gratidão.

Covas, 17 de Fevereiro de 1950. 118

Joaquim Gomes da Silva Brandão.

Chefe da Estação da C. P.

Electricidade e Máquinas

J. MONTENEGRO

PROJECTOS PARA INSTALAÇÕES EM FABRICAS, ALTA E BAIXA TENSÃO

— ORÇAMENTOS —

PORTO — GUIMARÃES

Telefone, 4141

QUINTA

Vende-se a denominada Quinta do Fôjo, situada no Sameiro, limites dos concelhos de Guimarães e Braga, bela situação, com muito boa casa para senhorio, casa de caseiros, extensos terrenos a lavradio e bravio, com muita água.

Pode ver-se em qualquer dia.

Para falar: Em Guimarães — Solicitador Augusto Joaquim da Silva; Em Braga — Solicitador João Ferreira Torres, Rua D. Frei Caetano Brandão, 168 e, no Pôrto, na Rua de Belomonte, n.º 27-1.º 121

BANCO PORTUGUÊS DO ATLANTICO

SEDE — RUA DE SÁ DA BANDEIRA N.º 56 — PORTO

Capital e Reservas—Esc. 34.000.000$00

Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração em 31 de Dezembro de 1949

Senhores Accionistas:

A actividade económica portuguesa, em 1949, ressentiu-se dos efeitos duma deficiente produção agrícola, e o movimento geral dos negócios sofreu relativa contracção, influenciado pela deflação que se vem operando como resultado dos saldos desfavoráveis da nossa balança de pagamentos.

Assim, aos Bancos incumbia neutralizar, tanto quanto possível, os factores negativos da conjuntura, por meio de disposições, no sector do crédito, tendentes a um maior e mais eficaz apoio às actividades da produção e da troca.

O nosso Banco, dentro deste condicionalismo, conseguiu imprimir notável eficiência aos seus serviços e operações, quer financiando boa parte do comércio interno pelo desconto e pela concessão de importantes créditos, quer apoiando o movimento mercantil externo com copiosos fundos para facilitar exportações e financiar indispensáveis importações.

O comércio e a indústria, como a poupança de toda a área onde o Banco estende a sua influência, têm reconhecido, dum modo caloroso, o valor da sua acção, o que se verifica pelo aumento importante de abertura de novas contas e pela progressiva extensão da sua rede de relações.

Durante o exercício de que nos ocupamos abrimos uma nova Agência, desta vez em Riba d'Ave, centro duma região industrial das mais importantes do País.

Cremos que essa nossa nova Dependência virá a prestar ali valiosos serviços.

A construção do «Palácio Atlântico», nossa futura Sede, continua em ritmo satisfatório, e à medida que se aproxima a sua conclusão, maior é o nosso contentamento, não só pelo aperfeiçoamento e desenvolvimento que essa obra vai permitir aos nossos serviços, como pela contribuição apreciável com que concorre para a valorização duma das praças mais centrais e movimentadas da cidade.

As contas que vos apresentamos evidenciam claramente a solidez e liquidabilidade do Banco, embora não permitam ainda melhorar a remuneração ao capital, actualizando-a como seria justo.

O panorama económico que dominou o exercício em apreço e ainda o agravamento das condições de trabalho do pessoal bancário, quer em tempo de labor, que foi reduzido, quer em vencimentos, que houve necessidade de aumentar para corresponderem ao custo da vida, aconselham prudência em matéria de dividendos.

A conta de «Lucros e Perdas», depois de eliminadas do Activo as verbas costumadas, apresenta um saldo de

Esc. 3.326.860$59

cuja aplicação vos propomos fazer-se do seguinte modo:

Para Fundo de Reserva Legal (art.º 6.º do Estatuto Social)	170.000$00
Conselho Fiscal (art.º 16.º do Estatuto)	75.000$00
Para dividendo de Esc. 60$00 por acção (cativo de impostos)	1.500.000$00
Para Fundo de Reserva Variável	1.330.000$00
Saldo para Conta Nova	251.860$59
Esc.	3.326.860$59

Assim, ficarão os Fundos de Reserva elevados à soma de Esc. 9.000.000$00.

Os resultados obtidos, a valorização do Banco, a expansão dos seus negócios, devem-se, em boa parte, à devotada colaboração dos nossos correspondentes da Metrópole, Ilhas, Colónias e Estrangeiro, ao Banco Português do Continente e Ilhas, nosso Correspondente exclusivo na Capital, e ainda aos nossos funcionários, competentes, activos e dedicadíssimos.

A todos, os nossos melhores agradecimentos, sem esquecer o digno Conselho Fiscal, cuja cooperação nos foi muito útil.

Porto, 5 de Janeiro de 1950.

Pelo Conselho de Administração,
O PRESIDENTE,
(a) Arthur Cupertino de Miranda.

Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1949

ACTIVO

CAIXA:		
Dinheiro em Cofre	20.472.996$08	
Idem, depositado noutros Bancos	43.486.252$54	63.959.248$62
Notas e Moedas Estrangeiras		382.798$58
Banqueiros no Estrangeiro		7.935.364$81
Carteira de Títulos		12.200.670$17
Carteira Comercial		104.657.528$13
Empréstimos Caucionados		39.819.277$31
Agentes e Correspondentes no País		8.455.462$02
DEVEDORES E CREDORES:		
Em moeda nacional	17.042.900$74	
Em moeda estrangeira	2.326.776$76	19.369.677$50
Participações Financeiras		442.608$30
IMOBILIZAÇÕES:		
Instalações	1$00	
Propriedades de rendimento	510.344$20	510.345$20
Cauções, Art. 8.º e 13.º dos Estatutos		850.000$00
Valores de Conta Alheia		78.584.887$41
Contas de Ordem		112.542.298$88
Esc.		449.710.166$93

O Chefe da Contabilidade, *Adolfo Ramos de Macedo.*

PASSIVO

Capital		25.000.000$00
FUNDOS DE RESERVA:		
Legal	760.000$00	
Variável	6.740.000$00	7.500.000$00
Dividendos		11.131$08
DEPÓSITOS:		
À ordem	161.321.024$07	
A prazo	35.124.127$14	196.445.151$21
Saques Avisados		1.199.091$97
DEVEDORES E CREDORES:		
Em moeda nacional	22.551.270$24	
Em moeda estrangeira	1.699.475$55	24.250.745$79
Credores por Cauções Estatutárias		850.000$00
Credores por Valores de Conta Alheia		78.584 887$41
Contas de Ordem		112.542.298$88
Lucros e Perdas		3.326.860$59
Esc.		449.710.166$93

O Presidente do Conselho de Administração,
Arthur Cupertino de Miranda.

Desenvolvimento da Conta «Lucros e Perdas»

Em 31 de Dezembro de 1949

DEVE

Juros abonados em Depósitos à Ordem, a prazo e Diversos	1.505.432$23
Contribuições	461.470$65
Comissões abonadas aos Correspondentes	450.252$75
Ordenados	2.836.230$79
Despesas de expediente, impressos, livros, etc.	1.075.692$83
Saldo Positivo	3.326.860$59
Esc.	9.655.939$84

HAVER

Saldo do ano anterior	206.018$48
Receitas Gerais	9.449.921$36
Esc.	9.655.939$84

Impressões variadas

VI

Os pretos, como todos os povos, têm dentro da sua civilização limitada certos meios de vencerem a Natureza na adaptação do que nela encontram ao relativo conforto de que precisam.

Têm a sua indústria primitiva, a sua arte e as suas leis sociais e descobertas, que são o resultado de observações feitas no meio em que vivem.

Há muita coisa por lá que lembra primitivos tempos da Humanidade. como, por exemplo, o modo de produzir o fogo que obtêm friccionando um pau duro em certa madeira, que se incendeia com facilidade.

Ainda lá vi os mais rudimentares processos de moagem — a de uma pedra reboluda esmagando o cerial no côncavo da outra.

As fundições de ferro e cobre ainda andavam pelos mais recuados processos.

Usavam o arco e a seta, a azagaia, as armadilhas para caçarem desde o animal mais pequeno até ao elefante, que caía nas covas disfarçadas no caminho de passagem.

Quase todos os garotitos eram exímios no arco e seta com que atingiam com rara habilidade pássaros, coelhos e outra bicharia menor.

Mas tudo isso depende, como é natural, do hábito desses meios, e não se entra assim de um momento para outro na prática desses processos que parecem tão simples.

Há muitos aspectos da vida indígena que são interessantíssimos e têm dado largo campo a estudos etnográficos, havendo apaixonados que se dedicam a essas investigações.

Nos tempos que lá passei as atenções estavam presas a outros assuntos, e mesmo só há pouco tempo para cá se procurou interessar o funcionalismo nesse estudo, por exemplo, nas directivas de Paiva Couceiro e Norton de Matos.

* * *

Pouco me resta de uma ou outra observação nesse sentido, e esse pouco vou procurando recordá-lo e fixa-lo.

Assim, recordo-me de me dizerem que na região do Quipungo as cerimónias do nascimento se fazem com a exclusão da parturiente.

Quer dizer, as visitas pelo festivo acontecimento são feitas ao Pai que, coitado, com os trabalhos que teve se encontra na cama com o pimpolho ao lado a receber as congratulações; a Mãe, essa, vai tratar da vida do casal.

Se isso é verdadeiro, ou não, nunca o averiguei, e é possível que seja uma das numerosas intrujices com que entretêm os novatos, como eu o era na ocasião em que mo disseram.

Mas o que é verdade é que as pretas são extremosíssimas pelos filhos, amamentando-os muito além do período em que o fazem os outros povos.

Trazem-nos sempre consigo, até nos mais rudes trabalhos, transportando-os às costas, presos com um largo pano, ou com peles amaciadas.

Logo que se sentem grávidas começam a distender os seios a tal ponto que a criança pode ser amamentada sem sair da sua posição às costas da Mãe, passando o seio por baixo do braço e às vezes até por cima do ombro.

* * *

Nas noites de lua cheia os soldados pretos vinham invariàvelmente pedir autorização para um batuque, depois do toque de recolher, ou «retreta», que é o seu nome oficial, depois do pôr do sol.

Invariàvelmente se concedia essa autorização, porque esses batuques não passavam de danças pouco movimentadas, acompanhadas de cantos em que a maioria era executada por mulheres, que batiam palmas ao ritmo do tambor, que nunca falta nestes divertimentos.

E notei que, a não haver outro pretexto, esses batuques só se realizavam nesse quarto de lua e pouco iam além da meia noite.

Nada havia de notável nessas cerimónias, que me pareceram obedecer a determinado ritual, já perdida talvez a sua essência religiosa, perdurando porém o costume já enraizado.

Ao mesmo tempo, em certas épocas do ano, nas colheitas, nas sementeiras, na apanha de certos frutos para fermentação e preparação de bebidas alcoólicas, havia festas e batuques muito ruidosos e movimentados, alguns até que terminavam por bebedeira qual e de tal ordem que alguns ficavam nesse estado durante dias seguidos, como na preparação do «gongo», bebida alcoólica extraída do fruto de certa árvore comum em todo o interior do Sul d'Angola, e cujo nome já me esqueceu.

Outras cerimónias se realizavam, entre as quais a do «mofico» época da puberdade, que descrevo num dos meus episódios.

* * *

E, passando a outra modalidade, a indumentária, reduzida ao indispensável, não tinha aspecto especial que chamasse a atenção, a não serem os adornos com que se enfeitavam, especialmente as mulheres.

Os cabelos constituiem o principal motivo ornamental, usando-os de formas que diferiam com a idade, o estado social, a riqueza e a região.

Assim, havia os penteados das raparigas, das impúberes, das casadoiras e das casadas.

De uma forma geral os cabelos eram empastiados com uma massa de argila constituindo cristas do alto da cabeça até ao pescoço, capacetes, como os das Cuanhamas, e outros motivos mais ou menos semelhantes.

Outras, então, formavam tranças muito miudas que, com o auxílio de arames ou verga, arranjavam uma espécie de asas em volta da cabeça.

Havia as mulheres herreros que adicionavam, creio que cabelo por cabelo, crinas de cavalo aos próprios cabelos apresentando uma cabeleira que arrastava pelo chão.

Para dormirem estas mulheres assim adornadas, especialmente as que empastam os cabelos, têm um apoio especial de madeira em que descansam o pescoço sem prejudicarem o penteado.

Quanto a vestuário em pouco se resume, mas, mesmo assim, é assaz complicado.

Ao pescoço uma grossa enfiada de missangas, que chega a tomar a espessura do pescoço.

Nos quadris um cinto onde se prendem várias peles amaciadas, que lhes descem até meio da coxa.

De entre as peles a mais apreciada é o estomago de boi amaciado e besuntado de manteiga que lhe dá o aspecto de astrakan.

Nos pulsos e artelhos usam pulseiras de latão, e algumas vezes grossos e pesados anéis de cobre, de extracção indígena.

As raparigas, à falta de anéis de cobre ou latão, usam as pulseiras de verga.

Do resto mais nada, a não ser um ou outro búsio especial, que ostentam como prova de riqueza e fidalguia, suspensos de fios, ou lucrustados nos rolos de missangas.

* * *

Os homens, esses são mais modestos no trajar, pouco se distinguindo os ricos dos pobres dentro da indumentária indígena, a não ser por qualquer pele mais cuidada, que no resto todos usam um cinto de onde pendem as peles amaciadas, tal qual as mulheres.

Quanto aos rapazes, antes da puberdade, rapam o cabelo deixando, ou um tufo no alto da cabeça, ou uma crista da testa até à nuca.

Sòmente os ricos se vestem à europeia para uso exterior, têm cavalo, armas finas, bebem cerveja, cognac, vinho do Porto, apreciam o champagne, e ùltimamente já alguns têm automóvel e rádio.

O Mandume possuia um gramofone que era uma inovação naquele tempo.

* * *

Há muito mais para dizer, mas por agora é o que me vem à memória, assim dispersamente, mas não sem as maiores saudades.

(De um projecto de memórias).

Jugueiros — Felgueiras, 23-1-50.

A. de Quadros Flores.

Grande Feira Anual e Festa Religiosa em S. TORCATO

No privilegiado local do Mosteiro de S. Torcato, incontestàvelmente um dos mais famosos centros de romagem, realiza-se no dia 27 a tradicional **Feira Franca Anual de Gado Bovino,** e no majestoso templo grandiosas Solenidades Religiosas pela comemoração do aniversário do Martírio de S. Torcato.

Durante o dia será transmitido por dois alto-falantes, um belo e escolhido programa de música de disco.

A Comissão Organizadora deste certame estabeleceu os seguintes prémios:

GADO BOVINO

1.º — Ao expositor da melhor junta de bois de engorda, 250$00; 2.º — Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho, 150$00; 3.º — Ao expositor da melhor junta de touros a 2 dentes, 100$00; 4.º — Ao expositor da melhor junta de touros sem desfecho, 80$00; 5.º — Ao expositor da melhor vaca de criação e produção leiteira (2 a 6 anos), 150$00; 6.º — Ao expositor da melhor vaca cheia da primeira cria, 100$00; 7.º — Ao expositor da melhor vaca barrosa, 100$00; 8.º — Ao expositor do melhor boi de cobertura torino barroso, 100$00.

CORRIDAS DE GADO CAVALAR

9.º — Ao cavalo ou égua que mais correr a passo travado, 150$00; 10.º — Ao cavalo ou égua que mais correr a galope, 100$00; 11.º — Ao jumento que mais correr, 50$00.

A's Festadas Regionais mais completas e que melhor se apresentarem na feira serão conferidos os prémios: 1.º — 300$00; 2.º — 150$.

A Comissão está a trabalhar activamente para o estabelecimento de carreiras de camionetes entre a cidade de Guimarães e o local da feira, tendo-se avistado já com o respectivo empresário que se prontificou a pedir autorização. Se esta for dada as camionetes partirão da Rua Gil Vicente, 17.

Sociedade Filarmónica Vimaranense

ÉPOCA DE 1949-1950

Domingo, 26 de Fevereiro de 1950

2.º CONCERTO DA TEMPORADA

no

JARDIM PÚBLICO

das 11 às 12,30 horas

- PROGRAMA -

1) Não te espetes — (Marcha) — *Chicória*
2) Titus — (Ouverture) — *Mozart*
3) Bosque Sinfónico — (Poema Sinfónico) — *R. Dantas*
4) Sylvia — (Suit em 4 Quadros) — *Léo Délibes*
   1.º Les Chasseresses
   2.º Valsa Lenta
   3.º Pizzicati
   4.º Corteje de Bacchus
5) El Assombro de Damasco — (Zarzuela) — *Pablo Luna*
6) Goiêscas — (Intermezzo) — *Granados*
7) Passagem do Regimento — (Marcha) — *R. Caverly*

NOTA: Este concerto, como de costume, é de homenagem aos ex.mos sócios e famílias.

— No dia 26 de Março próximo realiza-se o 3.º concerto da temporada e comemorativo do 47.º aniversário da fundação da nossa Banda de Música.

A DIRECÇÃO.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: **Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO**
com **Armazens de Retem e Depósitos**
(Area coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

CARTA DAS TAIPAS

AS JUNTAS DE FREGUESIA

Fizemos parte durante muitos anos da Junta da Freguesia.

Nesse tempo, monetàriamente atrofiadas, as Juntas, no geral, não podiam dispender de qualquer verba por mais insignificante que fosse para qualquer melhoramento na freguesia. Até mesmo para as suas despesas obrigatórias e de expediente devidamente orçamentadas se era obrigado, uma vez por outra, a recorrer à aborrecida derrama paroquial que o respeitável público de mau grado recebia e não sem os protestos mais veementes.

Qualquer melhoramento teria de ser feito pela Câmara Municipal que, pelas mesmas razões, não navegavam em mar de rosas.

O povo não queria pagar...

Outro tempo surgiu. Foi criado o imposto de trabalho e outras fontes de receita brotaram e começaram a correr para os cofres do município a enchê-lo com mais abundância. E assim, agora, já é possível à Câmara ser mais pródiga na concessão de mais e mais avultados subsídios para melhoramentos rurais e às Juntas desenvolverem a sua actividade em prol das suas freguesias, fazendo-as florescer e progredir.

E este facto verifica-se por toda a parte: constroem-se lavadouros; melhoram-se fontes; abrem-se estradas e reparam-se caminhos, um porfiado afan digno de registo.

Neste sentido se vem distinguindo a freguesia de S. Clemente de Sande. Aos melhoramentos ali efectuados dera início e certo incremento a Junta da presidência do Sr. António Fertasinhos em 1941, transformando em estrada um velho e tortuoso caminho que, partindo da E. N., ao lugar do Arquinho, serve os populosos lugares de Sumarães, Panco, Subida, Vieite e Quintãs até ao do Assento e Igreja, melhoramento este que por si só impôs aquele nosso amigo à consideração e estima dos seus conterrâneos.

A Junta actual, tendo como presidente o Sr. Abilio de Castro prossegue na mesma tarefa, havendo — além de outros de somenos importância — mandado alargar e melhorar o caminho que dirige do lugar da Cabreira — extremo da freguesia — à igreja paroquial, velha aspiração dos habitantes dos muitos lugares por ele servidos, porque, ligado à estrada que chega à Igreja, abre — pode assim dizer-se — de lés a lés da freguesia, todas as portas de comunicação com a sede do concelho.

Com estes caminhos assim arranjados, produto de tanto trabalho e canseira, mas todos em pura e simples terraplanagem, isto é, sem uma faxa de rolagem devidamente empedrada, sendo por isso de mais difícil conservação, é pena que a Junta não possa ter um cantoneiro permanente a cuidar deles — ou pelo menos — no inverno — desobstruindo aquedutos, limpando as valetas e desviando-lhes os enxurros, aparando silvados, etc., para que não suceda como se vê no lugar do Arquinho — para o que foi chamada a nossa atenção — onde se acha instalada uma fábrica de cutelarias, um silvado ou sebe de roseiras sobranceiro ao caminho a crescer livremente e a começar a estorvar a passagm de veículos — sobretudo de carga — que para ali levem materiais e a água a correr à von-ade e a fazer sulcos mais ou menos profundos no mesmo caminho que dentro em pouca o tornarão intransitável.

Deveriam ser tomadas providências para tais anomalias, pois não consta que tenha sido abolido o Código de Posturas — *C.*

Corte e Costura

Por professora especializada em *escolas francesas.* Informa as Senhoras inscritas e as que quiserem inscrever-se de que começará seus cursos em Vizela e Guimarães, em Março.

CURSOS: Modista, Fato de homem, Camiseiro, Cintas, Chapéus, etc. Pode escolher. Grande resultado. *Método exclusivo* desta Professora em Portugal. A própria passará diploma.

Se interessar a V. Ex.ª não demore a inscrever-se, escrevendo para EMA ALVES, Rua Barros Queiroz n.º 48 — Lisboa. 106

Aluga-se Edifício com cerca de 400 m², junto à estrada, a 5 km. da cidade. Tem alta tensão a 50 metros.

Informa esta Redacção. 104

Vende-se Casa de dois andares com bom quintal, nesta cidade.

Tratar com Casimiro Soares, solicitador — Largo João Franco, 12. 102

EM GUIMARÃES

PASSA-SE ou ALUGA-SE
Fábrica de Cutelarias.

Concedem-se facilidades. Para ver e tratrar, falar com António Pimenta, Rua de Santo António, Guimarães.

Automóvel "Renault"

Vende-se em conta. Regular estado de conservação.

Informa esta Redacção. 48